

## O ATO CRIADOR COMO PEDAGOGIA EMANCIPATÓRIA E DECOLONIAL<sup>1</sup>

Adolfo Albán Achinte<sup>2</sup>  
Tradução de Sávio Farias<sup>3</sup>

### RESUMO

Este texto apresenta o mito da racionalidade criado pelo ocidente europeu como uma marca simbólica da colonialidade a partir dos seus ideais de certeza, segurança e êxito como operadores das bases dos sistemas educacionais e, conseqüentemente, dos sistemas artísticos. Nesse sentido, são exploradas estratégias para enfrentar o colonialismo reconhecendo os medos, a incerteza, os erros e a instabilidade como componentes da vida social. O ato criador, inseparável da vida e encontrado nas sabedorias populares e suas produções materiais e espirituais, é sugerido como um conjunto de expressões autênticas e criativas das comunidades latino-americanas que quando se atualizam e se renovam invocam contranarrativas para a racionalidade colonial e criam possibilidades de emancipação pedagógica e decolonial.

Palavras-chave: ato criador; pedagogia emancipatória; pedagogia decolonial.

### THE CREATIVE ACT AS AN EMANCIPATORY AND DECOLONIAL PEDAGOGY

#### ABSTRACT

This text presents the myth of rationality created by western european as a symbolic mark of coloniality based on its ideals of certainty, security and success as operators of the bases of educational systems and, consequently, of artistic systems. In this sense, strategies are explored to confront colonialism by recognizing fears, uncertainty, errors and instability as components of social life. The creative act, inseparable from life and found in popular wisdom and its material and spiritual productions, is suggested as a set of authentic and creative expressions of Latin American communities that, when updated and renewed, invoke counter-narratives to colonial rationality and create possibilities for emancipation pedagogical and decolonial.

Keywords: creative act; emancipatory pedagogy; decolonial pedagogy.

### EI ACTO CREADOR COMO PEDAGOGÍA EMANCIPATORIA Y DECOLONIAL

#### RESUMEN

Este texto presenta el mito de la racionalidad creado por occidente europeo como una marca simbólica de la colonialidad basada en sus ideales de certeza, seguridad y éxito como operadores de las bases de los sistemas educativos y, en consecuencia, de los sistemas artísticos. En este sentido, se exploran estrategias para enfrentar el colonialismo reconociendo los miedos, la incertidumbre, los errores y la inestabilidad como componentes de la vida social. El acto creativo, inseparable de la vida y que se encuentra en la sabiduría popular y sus producciones materiales y espirituales, se sugiere como un conjunto de expresiones autênticas y creativas de las comunidades latinoamericanas que, actualizadas y renovadas, invocan contranarrativas a la racionalidad colonial y crean posibilidades por la emancipación, pedagógica y decolonial.

Palabras clave: acto creador; pedagogía emancipatoria; pedagogía decolonial.

## NOTA INTRODUTÓRIA DO TRADUTOR

Há alguns anos, enquanto procurava materiais educativos sobre Didática e ensino de Artes/Teatro, encontrei este texto que lhes apresento traduzido a seguir. Como docente do setor didático-pedagógico de um curso de Licenciatura em Teatro, compartilhei esta minha tradução ainda não publicada com diversas turmas para leitura e apreciação, visando uma discussão profícua sobre processos e procedimentos didáticos, questões de ensino-aprendizagem, bem como formação e experiência de artistas-docentes.

Nos componentes curriculares referentes às didáticas e aos estágios supervisionados em ensino de artes/teatro, este material foi compartilhado especialmente no tocante aos desafios que as licenciandas e licenciandos enfrentam no desenvolvimento das suas práticas docentes em diferentes contextos, como o desejo constante de acertar e o medo de falhar. É sabido que o ensino de Artes/Teatro no Brasil, sobretudo o público, está majoritariamente ambientado em territórios compostos de muitas instabilidades e incertezas, o que torna a experiência docente permeada de desafios e dificuldades como a falta de um espaço adequado para aulas de teatro e a escassez ou ausência de materiais didáticos que resvalam no impasse entre planejamento e execução, além de muitas vezes resultar em frustração ou desencanto pela carreira de professora/professor.

É diante desse cenário que se dá o interesse em publicar esta tradução, a fim de que a ampla divulgação dela possa colaborar nas mais variadas atividades formativas nas quais se envolvem as Pedagogias do Teatro. Pois, os aspectos da colonialidade, à luz da racionalidade ocidental, como apresentados no texto, parecem ainda participar de modo intenso e constante das experiências artístico-pedagógicas nas quais se inserem as nossas tomadas de decisão, sejam nas salas de ensaio, nas salas de aula ou nas salas de espetáculo.

.....

Em seu trabalho acerca do projeto iluminista do século XVIII, Max Horkheimer (1895-1973) e Theodor Adorno (1903-1969) mostraram como o ocidente europeu expulsou o mito da vida dos sujeitos, criando um novo mito: o da racionalidade.

Essa perspectiva do pensamento crítico me permite afirmar que o sujeito moderno se emancipou de seus deuses e, nesse desencanto, criou a sensação de certeza, que por sua vez gerou o que chamo de armadilha da emancipação na medida em que, paradoxalmente, os medos foram estabelecidos como um correlato daquele processo no qual nem a dúvida nem a incerteza poderiam se encaixar.

A pretensão de segurança baseada no poder da razão como fundamento de qualquer explicação do mundo colonizou a vida cotidiana do sujeito a ponto de ancorá-lo na necessidade imperativa de alcançar um nível de estabilidade em diversas ordens da existência: laboral, afetiva, econômica, social e emocional. A noção de êxito estava determinada pela manutenção a qualquer custo dessa estabilidade e a sua ruptura implicou em falha e, conseqüentemente, foi deixada de fora dos benefícios dessa condição.

A narrativa do nosso sistema educacional transita pela construção de subjetividades que se acomodam a esses preceitos da modernidade. Nesse sentido, a estabilidade como princípio se aprende junto com as letras do alfabeto. Educaram-nos para alcançar o sucesso e, por consequência, garantir-nos um futuro próspero, distante de qualquer sinal de insegurança que colocaria em risco a única possibilidade da vida. No entanto, paralelamente a esse discurso da estabilidade, a perseguição ao seu contrário foi inoculando em nós os medos de perdê-la; assim ficamos atados entre o desejo da segurança do trabalho e o medo

do desemprego, a necessidade de ter um parceiro permanente e o medo da solidão, o sonho de uma vida determinada pela obtenção de rendas e o medo da precariedade econômica, o prestígio social alcançado pela via de ser um profissional e o medo de não lograr as metas impostas ou autoimpostas e a aposta por uma vida economicamente equilibrada e o medo de perder a razão.

A colonialidade de nossas existências nos prende no confronto entre levar uma vida sem sobressaltos e uma realidade assustada com as contingências que assombram nossas sociedades nunca estáveis e sem garantias. A narrativa se impõe à força dos dispositivos familiares, escolares e sociais que nos pressionam a cumprir com preceitos que desenham o horizonte de possibilidade de plena realização, criando a ilusão de um mundo feliz, isento de contradições ou, no melhor dos casos, despojado do incerto e, nesse sentido, extraordinariamente previsível.

Ser estável é a premissa obrigatória para estar bem no mundo, que pressiona e desqualifica se a rota se desvia pelas trilhas do imprevisível, do inexato, do suposto, do paradoxal. Manter o equilíbrio é a norma com a qual se estabelece o padrão que aceita ou rechaça, legitima ou intimida, reconhece ou discrimina.

Temos sido colonizados pela narrativa da exatidão, pela linearidade da existência que vai se desenvolvendo por etapas que devem ser superadas a todo custo para que possamos chegar a ser. Nesta medida, o erro é um sacrilégio que se paga a custos sociais elevados sob o olhar ampliado pela lupa da censura e do estigma que não economiza em nada para adjetivar a quem falta para com a norma.

Os medos nos rondam a cada instante, desdobrando inescrupulosamente a sua adaga do proibido, isto é, da impossibilidade de faltar a certeza e a estabilidade, de cumprir o previsível em detrimento do misterioso, do fantástico, do irremediavelmente desconhecido.

Se a modernidade emancipou o sujeito de suas crenças, proponho então emancipar-nos da emancipação ocidental para que o telúrico produza sentidos, as emoções vibrem sem limites preestabelecidos, as imagens nos levem até as entranhas e o enigmático se converta em uma possibilidade de espreitarmos outras formas de existir. Emancipar-nos do hegemonicamente racional é um exercício que se deve realizar a partir da consideração dos medos como contranarrativas do certo, de tal maneira que nos guie com a consciência de que os medos não são outra coisa senão a contraface da racionalidade ocidental.

O ato criador, assumido como uma prática desconstrutiva que nos leve a desaprender, se converte na possibilidade de descolonizar nossas mentes na medida em que possamos, de mãos dadas com a Pedagogia, entendida como prática reflexiva do sentido de ser humano, expressar-nos sem apontamentos nem amarras, sem restrições nem defeitos e para que consigamos trazer à tona o que nos constrange a alma. Criar ou ser criativo nada mais é do que remexer nas profundezas de nosso próprio ser de onde afloram realidades que nos interpelam e interpelam nossas próprias realidades; é nos dar a oportunidade de deixar a rotina descansar para enfrentar o fato de permitir que a imaginação se pronuncie em favor de mostrar a própria subjetividade.

O ato criativo é a pedagogia da existência, na medida em que deve desatar os nós que a narrativa ocidental estabeleceu em cada um e cada uma de nós e que talvez reproduzimos com a inconsciência de não saber que, quando na escola, em casa ou em qualquer outro espaço sociocultural defendemos a certeza, não estamos mais do que construindo medos que nos aprisionam na maravilhosa gaiola de suas próprias imagens fantasmagóricas. Enfrentar os medos é trabalhar no lado oculto da presunção da estabilidade e equilíbrio, é adentrarmos nas tormentosas águas da autonegação que impuseram o discurso da lógica que nos privou da experiência da vida.

A colonialidade do ser, ou seja, a imposição da imagem que os outros construíram de nós, adjetivando

nossas emoções, divindades, crenças e práticas, fez com que nos neguemos para que possamos nos **re-conhecer**, desenraizando-nos para cumprir o propósito humanista da civilização. Essa colonialidade, que tem caminhado ao longo do tempo ajustando-se camaleonicamente de acordo com as contingências de transformações socioculturais, nos persegue desde o passado até os dias atuais, tornando-nos repositórios da hegemonia de outros que fizeram de nós a sua “alteridade”.

Como enfrentar o colonialismo a partir do ato criativo como uma pedagogia emancipatória? Há uma tarefa a ser feita em todos os espaços da vida que nos convida a nos re-conhecer e a nos afirmar em nossas particularidades socioculturais.

O reflexo dessa tentativa de assumir o ato criativo como uma opção decolonial e emancipatória é este livro *As culturas contam, os objetos dizem...*<sup>4</sup> que nos convida, individual e coletivamente, a realizar uma viagem imaginária por esta América profunda, cheia de enigmas e incertezas, presenças e silêncios, planícies e montanhas milenárias, urdiduras e cores tecidas em ponchos pelas sábias mãos de mulheres e homens endurecidos pelos ventos de suas próprias histórias.

Adentrarmos nesses mundos latino-americanos diversos e complexos é abordar uma surpreendente geografia física e humana, repleta de histórias intermináveis que circulam pelos caminhos da sabedoria popular, que cria e recria suas próprias narrativas rebocando-as da lama, nos teares; na oralidade fez lendas, nas diferentes arquiteturas que abrigaram os sonhos de comunidades inteiras, nos colares que guardam os segredos dos sistemas de crenças cheios de símbolos, nos conjuntos que as plumagens amazônicas nos oferecem ou nas notas de uma quena<sup>5</sup>, que dialoga com o charango<sup>6</sup> cantor acompanhado de tambores ancestrais.

Há outras lógicas no ato criativo que nos levam desde a Patagônia até o México, em nossas comunidades indígenas, afros e camponesas mestiças; são expressões que não seguem os cânones de um Ocidente moderno/colonial que tentou homogeneizar um tipo de estética incorporada em uma concepção de arte, em detrimento da negação de outras formas de ver, sentir, pensar, fazer e representar o mundo e que foi catalogado desdenhosamente como “artesanato”. Tecidos, cerâmicas, esculturas de madeira, cestaria e amuletos são memórias perdidas nas profundezas do tempo, mas constantemente atualizadas nos ritos, cerimônias e festividades que possibilitam que as expressões da criatividade permaneçam e fluam renovadas.

O ato criativo de nossos povos não está separado da própria vida, mas transcorre com ela e uma concepção de arte é possível de ser pensada além da instrução das academias clássicas de educação artística com seu fardo eurocêntrico que não reconhece em outros referentes geo-históricos de criatividade. Os artefatos culturais de nosso povo significam, dão sentido de existência, coesão e reafirmam o sentido de lugar, sem pretensões, sem arrogância, apenas com a necessidade de expressar o que tem sido e o que é, em uma relação profunda entre o ser criador e a comunidade que conhece e reconhece os seus produtos.

Tanto o mundo material quanto o mundo espiritual fazem parte do ato criativo de nossos povos e ambos bebem e se nutrem, sem que seja necessário separá-los para identificá-los. A produção material e o ritual se unem, preenchendo a vida cotidiana com simbolismo. É outro universo de criação não-ocidental, que está ancorado na história sem negá-la e apresenta suas expressões tangíveis inundadas de cores e formas diversas e complexas, nas quais o naturalismo ou o realismo – os bastiões da arte ocidental – não necessariamente são o fim da representação do mundo.

Esta “nossa América”, tingida de indígena, afro e mestiço, tem produzido sistemas de representação que dão conta das particularidades de seus lugares de criação – sem a pretensão de universalidade que a arte ocidental revogou – fazendo-se coletiva pela mesma forma de seus processos criativos e a circulação

que flui de geração em geração num *continuum* que o tempo nos permite apreciar neste presente que é globalizado e, por sua vez, está localizado nas mãos e sonhos dos nossos criadores e nossas criadoras.

Quando os leitores fizerem a viagem imaginária, acompanhados pelas páginas deste livro, e retornarem à Salta pelo coração da montanha e das estradas, outro mundo de criatividade será exposto diante de nossos olhos, nos convidando a nos reconhecer no que temos sido e no que deixamos de ser, no que não somos, e nos incitam a nos situar na “outra margem” de onde podemos desafiar a hegemonia de um projeto moderno/colonial que impôs – com relativo sucesso – um modo de estar no mundo daquele que devemos nos emancipar, olhando para nós mesmos no espelho de nossas próprias criações.

## REFERÊNCIAS

ACHINTE, Adolfo Albán. Arte, docencia y investigación. In: **Hablas y decires, Revista de la Facultad de Comunicación Social y Publicidad de la Universidad, Nº 5**, Universidad Santiago de Cali, Santiago de Cali, 2007, p. 11-27.

CAMNITZER, Luís. Reflexiones sobre pedagogía. In: **Memorias, Seminario taller nuevas tendencias en la enseñanza del arte**. Instituto departamental de Bellas Artes, Santiago de Cali, 1995, p. 15-34.

MALDONADO, Torres Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: **Santiago Castro-Gómez y Ramón Grosfoguel (Org.). El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, Bogotá, 2007.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: **Edgardo Lander (Org.), La colonialidad del saber. Eurocentrismo y Ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas**. Editorial de Ciencias Sociales, La Habana, 2005, p. 216-271.